



## **PEDAGOGIAS DO TEATRO DE ARTHUR ROCHA: ABRINDO CAMINHOS NA DIREÇÃO DA LEI 10.639**

Maria Angelica Zubaran<sup>1</sup>  
Isabel Silveira dos Santos<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo analisa as narrativas teatrais do dramaturgo negro Arthur Rocha, articulando-as com as recomendações da Lei 10.639 e das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira*. O objetivo central deste artigo é mapear as representações étnico-raciais mais recorrentes sobre o negro nas peças teatrais de Arthur Rocha e apontar os possíveis ensinamentos que esses artefatos culturais produziram e fizeram circular na cultura naquela época e ainda hoje.

**Palavras-chave:** Teatro; Arthur Rocha; Representações Étnico-Raciais; Pedagogias Culturais; Lei 10.639.

### **ARTHUR ROCHA'S PEDAGOGIES OF THEATER: PAVING THE WAY FOR THE LAW 10.639**

### **ABSTRACT**

The article analyzes the theatrical narratives of the black playwright Arthur Rocha articulating them with the recommendations of the Law 10.639 and the guidelines for the teaching and study of ethnic and racial relations in Brazil. The central objective of this study is to map the most recurrent ethnic and racial representations about blacks in the plays of this playwright and to point out the possible lessons that these cultural artifacts produced and circulated in the culture at that time and still today.

**Keywords:** Theater; Arthur Rocha; Ethnical-Racial Representations; Cultural Pedagogies; Law 10.639.

### **LES PEDAGOGIES DE THEATRE CHEZ ARTHUR ROCHA: VERS LA LOI 10.639**

### **RÉSUMÉ**

Cet article analyse les récits de théâtre du dramaturge noir Arthur Rocha, les articulant avec les recommandations de la Loi 10.639 et les directives du programme national pour l'éducation des relations raciales-ethniques et l'enseignement de l'histoire et de la culture afro-brésilienne. L'objectif principal de cet article est de cartographier les représentations ethno-raciales les plus récurrents sur le noir dans les pièces de Arthur Roche et signaler les éventuelles leçons que ces objets culturels ont fabriqué et distribué dans la culture à l'époque et encore aujourd'hui.

**Mots-clés:** Theater; Arthur Rocha; Représentations raciale-ethniques; Pédagogies culturelles; Loi 10.639.

O ano de 2013 marca os dez anos da Lei nº 10.639, regulamentada em nove de janeiro de 2003, no governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, fruto de um projeto dos Deputados Federais Ester Grossi e Bem-Hur Ferreira. A lei 10.639 alterou a LDB Nacional (Lei

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Iconografia e Literatura de Viagem no Brasil Oitocentista, no Birbeck College, Londres.

Professora adjunta do Mestrado em Educação da ULBRA. E-mail:< [angeliczubaran@yahoo.com.br](mailto:angeliczubaran@yahoo.com.br) >.

<sup>2</sup> Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



9394/1996) e normatizou antigas reivindicações do movimento negro determinando a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” nos estabelecimentos de ensino fundamentais e médios, públicos e particulares, ampliando o foco dos currículos escolares para a diversidade étnica e cultural brasileira.<sup>3</sup> Desde então, a Lei 10639 se constitui no documento educativo fundamental para a valorização da memória, da história e cultura das populações afrodescendentes e para o reconhecimento de suas práticas culturais e lutas cotidianas.

Vale destacar, que as peças teatrais produzidas pelo afrodescendente Arthur Rocha no final do século XIX, particularmente o drama abolicionista *A Filha da Escrava (1884)*, redigida no ano em que o movimento abolicionista no Rio Grande do Sul atingiu o seu ápice, dão visibilidade aos preconceitos e as discriminações étnico-raciais sofridas pelos negros na sociedade rio-grandense da época e desafiam os estereótipos recorrentes que representam o negro como incapaz de produzir cultura e como um ser alienado, conformado e submisso.

Conforme afirma a historiadora Martha Abreu (2005), as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana*, regulamentadas pelo parecer CNE/CP 3/2004 e a CNE/CP Resolução 1/2004, trouxeram para historiadores, educadores e pesquisadores novas questões e desafios. Como colocar em prática, no ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, uma dimensão pluricultural e anti-racista capaz de combater o racismo e às discriminações historicamente estabelecidas no Brasil? Como articular as políticas de combate ao racismo, especialmente na escola, sem tropeçarmos em essencialismos culturais?

Esse estudo pretende demonstrar que um possível caminho para trabalharmos os conteúdos da Lei 10.639 na educação de crianças, jovens e adultos é através da pesquisa e do estudo de biografias de afrodescendentes e de suas obras. O historiador Petrônio Domingues (2009) lembra que “um dos gêneros de pesquisa de grande potencialidade é o

---

<sup>3</sup> Em março de 2008, a Lei nº 11.645 alterou a Lei nº 10.639, de nove de janeiro de 2003, ao estabelecer a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

das biografias de “pessoas de cor” (p. 229). Nesse sentido, em conformidade com as tendências contemporâneas, entendemos que a partir das experiências de indivíduos, se possa abordar questões mais gerais relacionadas à época na qual esses indivíduos viveram, além de trazer a tona um cenário multifacetado e diversificado de experiências negras no lugar de reduzi-las a estereótipos e clichês essencialistas.

Nesta direção, como refere Stuart Hall, as identidades negras longe de fixas em um passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história e da cultura e do poder. De acordo com Hall é importante dirigirmos nossa atenção para a diversidade e não para a homogeneidade das experiências negras. Para o autor, as diferenças nacionais e étnico-raciais não nos constituem por inteiro, somos ainda atravessados pelas nossas outras diferenças, de classe, gênero, sexualidade, religião e geração. São essas proliferações de identidades negras e suas articulações com as múltiplas referências das experiências negras diaspóricas que tornam o estudo e o ensino da história e da cultura afro-brasileiras relevantes e necessários para todos os brasileiros (as).

Como referem Hall (1997, 2000) e Gilroy (2001) as identidades negras diaspórica são o resultado de negociações constantes e a história dos afrodescendentes nos mostra que os negros tiveram de reinventar cotidianamente suas identidades desde a sua chegada na América. Neste sentido, Hall destaca que não podemos naturalizar o conceito de identidades negras, mas entendê-lo como uma categoria construída ao longo da história, dentro dos discursos e das políticas de representação. Para Hall, a construção das identidades negras passa, pois, necessariamente, pela forma como os negros são representados e como representam a si próprios nos mais variados discursos.

Neste sentido, este trabalho pretende analisar a produção cultural do dramaturgo negro Arthur da Rocha, mapeando os discursos e as representações mais recorrentes nas suas narrativas teatrais e investigando os possíveis ensinamentos ou pedagogias do palco que suas peças fizeram circular na cultura. Em conformidade com o que recomenda a Lei 10.639, trata-se de dar visibilidade às experiências da comunidade negra antes e depois da diáspora africana para o Brasil. Nesse caso particular, analisando o teatro de Arthur Rocha, entendido como um espaço pedagógico capaz de ensinar e fazer circular diferentes maneiras de ser negro (a) naquele contexto histórico.

Parte-se do pressuposto teórico de que “há uma multiplicidade de outros espaços e meios, além da escola, que estão enredados com a produção daquilo que nós somos e daquilo que nós sabemos ou daquilo que nós pensamos ser e pensamos saber”, onde aprendemos sobre nós mesmos e sobre os outros (MEYER, 2011, p. 42). Marisa Vorraber Costa, Rosa Maria Hessel Silveira e Luis Henrique Sommer contribuem para o entendimento do caráter pedagógico dos textos culturais quando afirmam que:

A educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles. Quer dizer, somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que estes artefatos se exponha (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p.57).

Na mesma direção, Tomaz Tadeu da Silva destaca que “tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma pedagogia, também ensinam alguma coisa.” (SILVA, 2007, p. 139). Para o autor, a cultura, envolvida na formação e transformação das identidades tem um caráter pedagógico e o cultural torna-se pedagógico, mesmo sem ter o objetivo explícito de ensinar. Portanto, do ponto de vista pedagógico e cultural, o cinema, a televisão, o museu e também o teatro, não são simplesmente entretenimentos “são formas de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas de maneiras cruciais e vitais” (SILVA, 2007, p. 140).

Também Henry e Peter McLaren (1995) partem do princípio de que a pedagogia não tem lugar somente na escola, mas que existe em todos os lugares onde é possível produzir efeitos-de-significado, como no cinema, nas revistas, nos jornais, no teatro e muitos outros locais que estão enredados com a produção daquilo que somos. É esta concepção de pedagogias culturais, articulada pelos teóricos dos Estudos Culturais em Educação, que abre uma nova perspectiva de estudo das peças de teatro de Arthur Rocha. Nesta direção, conforme sugere Shirley Steinberg (1997), entendo que a idéia de pedagogias culturais refere-se:

(...) a ideia de que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes (STEINBERG, 1997, p. 101-102).

Nesta perspectiva, pretende-se investigar as peças de Arthur Rocha como artefatos culturais que produziram representações culturais sobre os negros (as) e instituíram formas de ser negro (a) no Rio Grande do Sul dos oitocentos. Destaca-se que no final do século XIX, jornais, folhetins, músicas, revistas, espetáculos de circo e de teatro, possuíam importante dimensão pedagógica. A literatura dramática, enquanto texto cultural, assumiu um lugar de destaque na cultura no Brasil naquela época. Sabato Magaldi (2004) ao analisar o teatro brasileiro, destaca que os autores teatrais brasileiros do passado “pautaram-se, no melhor sentido da expressão, pelas preocupações didáticas” (MAGALDI, 2004, 15). O próprio Arthur Rocha, na estrofe composta para o *Hino da Sociedade Dramática Filhos de Talia*, da cidade de Rio Grande, em outubro de 1886, entendia o teatro como uma instância que possuía destacado caráter pedagógico:

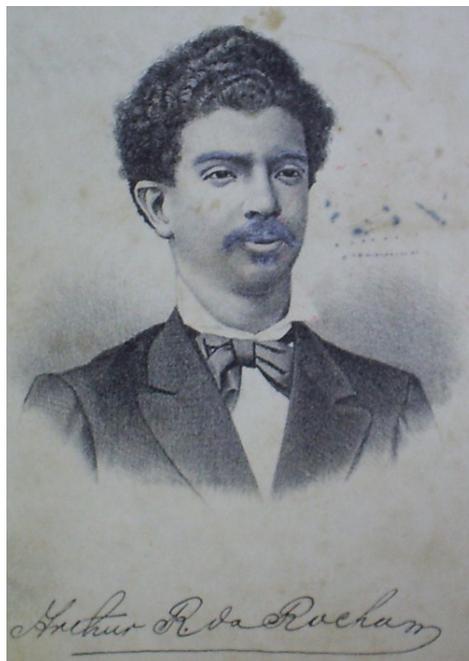
Se o Teatro é uma escola  
De benefícios reais  
E os costumes sociais  
Tem nele exemplo e lição;  
A ele nos consagrando,  
Pujantemente provamos  
Que concorrer desejamos  
Para a causa da instrução.  
(ROCHA, 1886)

Sem dúvida, inúmeros são os locais pedagógicos “onde o poder se organiza e se exercita” e o teatro, para efeitos desta pesquisa, torna-se um destes locais onde determinadas visões de mundo, de sujeitos, de gênero, de raça, de cidadania e de liberdade circularam nas representações construídas nas narrativas teatrais de Arthur Rocha. Portanto, a expressão pedagogias culturais refere-se ao fato de que aprendemos a conhecer o mundo e a posicionar-nos nele por meio de várias estratégias e textos culturais que nos atravessam cotidianamente. Nessa direção, entende-se que as peças de teatro de Arthur Rocha, não apenas produziram e veicularam informações, conhecimentos, mas que as representações disseminadas nas falas de seus personagens interpelaram sujeitos e contribuíram para a construção de suas subjetividades e identidades, assinalando, já naquela época, os caminhos que as lideranças negras percorreriam posteriormente, no combate aos preconceitos, ao racismo e as discriminações étnico-raciais. É neste sentido, que

pretendemos mapear as múltiplas maneiras de ser negro que as peças de Arthur Rocha disseminaram na cultura, naquela época e até os nossos dias.<sup>4</sup>

### **Arthur Rocha: um intelectual negro no mundo dos brancos**

Arthur Rodrigues da Rocha (1859-1888) nasceu na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, onde produziu, entre os anos de 1875 e 1884, em torno de 14 peças teatrais que foram encenadas em várias cidades do estado, entre o final do século XIX e início do século XX. O pouco que se sabe sobre este intelectual negro é através das referências esparsas de cronistas seus contemporâneos, como Achylles Porto Alegre, Múcio Teixeira, Joaquim Alves Torres e Júlio Soeiro e de estudiosos que trataram da obra de Arthur Rocha secundariamente, como Pery Borges (1961), Eneidy Rodrigues Till (1970) e Lothar Hessel (1986), além de notas de referência em dicionários de literatura, almanaques populares e periódicos da época.



O teatrólogo e cronista Joaquim Alves Torres, contemporâneo de Arthur Rocha e seu amigo íntimo, revelou em uma crônica publicada no Almanaque Popular Brasileiro de 1905, que devido às dificuldades financeiras da família do dramaturgo, ele só pôde

---

<sup>4</sup> Nesse ano de 2013, a peça *A Filha da Escrava* foi encenada no Teatro de Arena em Porto Alegre.

completar seus estudos aos treze anos de idade, quando entrou para o Colégio Gomes em Porto Alegre, tendo como mestres “os notáveis educadores Fernando Gomes e Bibiano de Almeida” (TORRES, 1905, p. 172).

Pouco se sabe também sobre sua família, mas de acordo com a representação racializada de Aquiles Porto Alegre (1922), sabe-se que seu pai era um “mulato excessivamente moreno”. Vale destacar que a aceitação social no mundo dos brancos era mais fácil para os mulatos de pele mais clara. Antônio Sérgio Guimarães (2003) lembra que era necessário que esses mulatos claros se identificassem com os círculos dominantes e que “manifestassem completa lealdade aos seus interesses e valores sociais” (GUIMARÃES, 2003, p. 41) para que fossem aceitos no mundo dos brancos. Spitzer destaca que, no Brasil, para ser aceito no mundo dos brancos, os negros e mulatos deveriam estudar a cultura e as línguas européias e falar e comportar-se como os europeus. Nesta direção, o cronista Múcio Teixeira (1921) destacou a elegância de Arthur Rocha. Segundo ele: “Arthur Rocha era um rapaz bonito e insinuante, moreno, alto, esbelto, fino (...) e elegante” (TEIXEIRA, 1921, p. 283). Outros cronistas, como Ari Martins (1978), destacaram que Arthur Rocha era um “mulato inteligente”, fazendo uma referência simultânea a sua cor e ao mesmo tempo a sua capacidade intelectual. Esta dupla natureza e as profundas ambivalências nas representações dos negros foram sublinhadas por Stuart Hall quando apontou que: “As representações dos negros, em diferentes momentos exibem esta divisão, esta dupla estrutura. Os negros são simultaneamente leais, dependentes, infantis, imprevisíveis, incertos e capazes de se tornarem vexatórios e de tramarem a traição logo que você vire as costas” (HALL, 1996, p. 336-343).

Joaquim Alves Torres (1905) comenta que Arthur Rocha, frequentemente convidado para as festas da alta sociedade porto-alegrense e rio-grandina, geralmente permanecia na penumbra, evitando chamar a atenção sobre a sua pessoa. Abordagens recentes têm considerado que a mestiçagem evocava ao mesmo tempo a “mesmidade” e a diferença, permitindo que a igualdade e a desigualdade fossem imaginadas e experienciadas continuamente, recriadas e nunca inteiramente superadas. De acordo com Richard Graham (1999), foi particularmente, no mundo das artes, da música, das letras e do teatro que alguns negros e mulatos do século XIX encontraram uma saída para penetrarem na sociedade brasileira racista e excludente. Graham (1999) destaca que esses

intelectuais negros não participaram do aparato do Estado, mas permaneceram como seus críticos, transformando editoriais jornalísticos em virtuais clubes políticos onde se encontravam para discutir assuntos da comunidade e políticas públicas. De acordo com o autor, “Nem a repressão nem a cooptação os silenciou” (GRAHAM, 1999). Arthur Rocha faz parte desse grupo distinto de intelectuais negros livres apontados por Richard Graham (1999), que tomaram posições radicais na crítica à sociedade da época e que encontraram na imprensa uma saída para debater os assuntos de interesse público, como a abolição da escravidão.

Arthur Rocha foi também redator dos jornais *O Mosquito (1874)*, *O Colibri (1877)*, e *A Lente (1877)* em Porto Alegre, e através de artigos políticos, contos, crônicas e peças teatrais discutia temas de interesse dos negros (as) e seus descendentes. Múcio Teixeira (1921) comenta que o teatrólogo contava com apenas 18 anos quando fundou e dirigiu uma folha diária, “expressamente criada para o período das lutas eleitorais, e que foi órgão de dissidência do Partido Liberal” (TEIXEIRA, 1921, p.283). Arthur Rocha foi também ativo participante de inúmeras sociedades literárias e dramáticas que editavam suas próprias revistas de divulgação regional e nacional. De acordo com Joaquim Alves Torres (1905), ele estreou como ator em Porto Alegre, na *Sociedade Dramática Romeira do Progresso* em 1873. De acordo com Pery Borges<sup>5</sup>, o pai de Arthur Rocha, José Rodrigues da Rocha e João Moreira da Silva<sup>6</sup> fundaram em 1874, a *Sociedade Particular Luso-Brasileira* que foi uma das mais atuantes e duradouras sociedades dramáticas do final dos oitocentos, e que durante 40 anos realizou centenas de espetáculos em Porto Alegre, preocupando-se, em divulgar as obras de autores nacionais, particularmente os rio-grandenses. Pery Borges (1961) e Joaquim Alves Torres (1905) informam que devido a um desentendimento com os componentes da Luso-Brasileira, Arthur Rocha e seu pai abandonaram a sociedade em 1878 e inauguraram a Sociedade Dramática Particular Ginásio Dramático.

---

<sup>5</sup> Luis Pery Borges (Jaguarão 1895 - Rio de Janeiro 1967). Fundador do Teatro Farroupilha, programa dominical que manteve na Rádio Farroupilha de Porto Alegre, de 1935 a 1944, com sua esposa Estelita Bell, formando a dupla Peri-Estelita. Autor de numerosas peças de teatro, entre originais, traduções e adaptações (HESSEL, 1976).

<sup>6</sup> João Moreira da Silva era cronista do jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre utilizando o pseudônimo de AREIMOR. Integrante da Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira, segundo o cronista e radialista Pery Borges, era detentor do acervo de quase 500 peças teatrais do século XIX, entre elas, os três volumes do Teatro de Arthur Rocha. Os volumes localizados no acervo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC trazem na contracapa a assinatura de João Moreira.

De acordo com os cronistas seus contemporâneos, Arthur Rocha produziu a peça teatral *José* em poucos dias, para a inauguração da sociedade Ginásio Dramático, que foi representada em 15 de agosto de 1878 e nela tomou parte como ator. Arthur Rocha foi também membro do Partenon Literário, contribuindo na revista mensal da entidade com peças, poesias e contos. Como sócio do Partenon, Arthur Rocha se envolveu com os assuntos políticos da província, principalmente com a luta abolicionista. Para Guilhermino César (1956) Arthur Rodrigues da Rocha “soube, de fato, reviver conflitos morais, dando-lhes certa grandeza” (CÉSAR, 1956, p.267). Para o autor, a condição de cor e de fortuna de Arthur Rocha deu vazão a sua sede de justiça e combate à escravidão.

David Brookshaw (1983) destaca que os intelectuais negros e mulatos do século XIX, apesar de adotarem a imagem que os brancos esperavam ver, valiam-se da inserção na sociedade branca para produzir uma literatura que denunciava a desigualdade nas relações étnico-raciais e para se colocar explicitamente contra o regime da escravidão. Portanto, o branqueamento, embora incentivado socialmente, era ressignificado pelos negros e mulatos, tornando-se uma estratégia para ocupar espaços na sociedade branca, o que do contrário lhes seria interdito.

Parece-nos que são essas ambigüidades nas representações de intelectuais negros e mulatos pelos cronistas brancos, destacando sua capacidade intelectual, mas ao mesmo tempo marcando-os como inferiores, através das referências as suas características étnico-raciais, que contribuem para tornar as relações étnico/raciais brasileiras tão singulares. As representações de Arthur Rocha pelos cronistas gaúchos revelaram esta ambigüidade, quando elogiam sua capacidade como jornalista, orador, ator e dramaturgo, mas ao mesmo tempo sublinham sua condição social e étnico-racial diferente.

O cronista Ari Martins (1941), ao comentar a obra de Arthur Rocha, destacou que a gramática quase perfeita que o dramaturgo utilizava na elaboração de suas peças, não era esperada de um escritor que era “filho de pais pobríssimos”. Já Pery Borges (1961) destacava que Arthur Rocha só poderia participar como ator em papéis especiais, porque era “pardo”. De acordo com o cronista: “Em sua primeira peça, ele tomou parte desempenhando o papel de Dr. Sérvulo, um pardo, talvez já escrito para ele mesmo” (BORGES, 1961, p. 15). Hebe Maria de Castro (1995) sublinha que a expressão “pardo” na segunda metade do século XIX designava todo escravo descendente de homem branco livre, assim como, os nascidos livres

com a marca da ascendência africana (CASTRO, 1995, p. 35). Arthur Rocha parece pertencer a este grupo minoritário dos pardos que obtiveram destaque no mundo dos brancos no século XIX.

### **Pedagogias culturais no Teatro de Arthur Rocha**

A obra teatral de Arthur Rocha, que até recentemente permanecia esquecida, foi localizada durante essa pesquisa, no acervo de Julio Petersen, na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sua obra inclui quatorze peças, entre comédias e dramas. Sete destas peças estão publicadas em três volumes intitulados *Teatro de Arthur Rocha*. No primeiro volume, publicado em 1876, encontram-se as peças: *O Filho Bastardo*, *O Anjo do Sacrifício* e *Por Causa de Uma Camélia*. No segundo volume, publicado em 1879, encontra-se a peça *José* e no terceiro volume, publicado em 1884, encontram-se as peças *A Filha da Escrava*, *Os Filhos da Viúva* e *Deus e a Natureza*.

Também fazem parte da produção de Arthur Rocha as comédias: *O Distraído*, *Não Faças aos Outros* e o drama *Lutar e Vencer*, que foram representadas, mas não publicadas. Lothar Hessel (1976) cita ainda como produção de Arthur Rocha, em parceria com Areimor, a comédia *A procura de Musa* de 1880, representada pela sociedade teatral Luso-brasileira, no Teatro São Pedro em Porto Alegre. Júlio Soeiro (1890) atribui a Arthur Rocha a produção da comédia inédita, *Um Casamento em Concurso* e o drama *Matheus*.<sup>7</sup> Pery Borges (1961) e Lothar Hessel (1976) comentam também sobre uma peça de Arthur Rocha escrita em versos, intitulada *Uma Cena do Futuro*, publicada pelas oficinas do *Jornal do Comércio*, em Porto Alegre, no ano de 1884.<sup>8</sup>

No estudo que segue, analisaremos as representações étnico-raciais mais recorrentes em três peças de teatro de Arthur Rocha: *O Filho Bastardo* (1875), *José* (1878) e *A Filha da Escrava* (1883). Investigaremos também, as possíveis lições ou pedagogias culturais que esses artefatos culturais produziram e colocaram em circulação na cultura da época, os múltiplos significados e sentidos que produziram e inventaram sobre as práticas culturais negras, interpelando os sujeitos e estabelecendo laços de pertencimento e

<sup>7</sup> Estas produções teatrais não foram localizadas.

<sup>8</sup> Esta peça foi localizada na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica – PUC, no acervo especial de Julio Petersen.

identificação, que contribuíram na constituição de identidades negras no Rio Grande do Sul. Essa análise não tem a pretensão de promover o resgate do sujeito Arthur Rodrigues da Rocha, numa perspectiva celebratória. Na verdade, entende-se a obra de Arthur Rocha como atravessada por múltiplos discursos, entre eles, o discurso do racismo científico, o discurso higienista e o discurso abolicionista. Esses discursos o constituíram como um sujeito híbrido, marcado pelas misturas culturais diaspóricas e favoreceram o surgimento de múltiplas vozes nas falas de suas personagens brancas, negras, pardas e mulatas. A interpenetração cultural desses diversos discursos produziu uma multiplicidade de representações, que marcaram seus textos dramáticos e que expressaram ambiguidades e fissuras nos discursos hegemônicos da época.

Arthur Rocha, atravessado pelo discurso do racismo científico, construiu suas personagens negras, pardas e mulatas, de forma ambígua, representando-as, na fala dos personagens brancos, como perigosas, vingativas, traiçoeiras, primitivas e, ao mesmo tempo, como escravos fiéis, bons pais, mães abnegadas e submissas. De acordo com Hall (1996b), o discurso racista se manifesta na cultura pela forma ambivalente como as identidades negras são representadas, como sujeitos divididos, que ao mesmo tempo são “leais, dependentes, infantis, tanto quanto não confiáveis, imprevisíveis, incertos, capazes de se tornarem vexatórios, de tramarem a traição logo que se dêem as costas a eles” (HALL, 1996, p. 336-346b).

De outro lado, utilizando-se da estratégia da reversão de estereótipos étnico-raciais apontada por Hall (1997), Arthur Rocha relativizou as representações racializadas sobre os negros (as) e abriu espaço para representações étnico-raciais alternativas, representando negros (as), pardos (as) e mulatos (as) como inteligentes, cultos, trabalhadores e honestos. Nas suas narrativas teatrais é também recorrente o atravessamento do discurso moralista e a noção de que a educação e o trabalho regenerariam a população, particularmente os (as) negros (as), pardos (as) e mulatos (as), assim como, a ênfase na defesa da família nuclear tradicional e no casamento como padrões de comportamento a serem seguidos pela comunidade negra.

Arthur Rocha foi também marcado pelo discurso abolicionista, que se manifesta na fala dos personagens das peças *O Filho Bastardo* (1875), *José* (1878) e *A Filha da Escrava* (1883), fazendo circular entre o seu público ideias abolicionistas de condenação da escravidão. Destaca-se

particularmente, as representações da escravidão como um crime, como um cancro social que impossibilitava que o Brasil entrasse para o “rol das nações civilizadas” e que impedia o “progresso” social e econômico da nação. Na fala de alguns personagens, a escravidão foi representada como um roubo do direito “natural” da liberdade, direito de todos os negros (as), pardos (as) e mulatos (as), enquanto a Lei do Ventre Livre foi representada como uma lei caduca que criava uma situação constrangedora de famílias mistas, metade escrava, metade livre. Marcado pelo discurso abolicionista, Arthur Rocha salientou na peça *O Filho Bastardo*, a difícil situação dos filhos bastardos, frutos da violência de relações escravistas marcados pelo uso da força, em que os filhos das escravas desconheciam seus pais e os pais não reconheciam seus filhos. Também na peça *A Filha da Escrava* Arthur da Rocha coloca em destaque o drama da mãe escrava que convive com sua própria filha, sem, no entanto poder revelar ser ela a sua mãe, para evitar que o estigma da escravidão compromettesse o status social da filha. Nessa peça a defesa da abolição imediata é explícita e a abolição gradual é classificada como a estratégia adotada pelos “medrosos”. Transcrevo, abaixo, o diálogo entre o personagem Carlos com o senhor Athayde, na peça *A Filha da Escrava*. O personagem Carlos, amigo de Athayde, representa a escravidão como um crime cujo “réu não era o escravo e sim o senhor”. Evidencia-se também a intersecção do discurso do racismo científico com o discurso moralista, quando a personagem afirma que “a hereditariedade nas raças é uma verdade que a ciência constata, e os filhos são presumíveis herdeiros dos vícios dos pais”.

CARLOS. – Desditoso amigo!...

ATHAYDE. – E’ verdade... Obrigó essa mulata, essa pobre mártir a servir como criada à própria filha, na intenção de furtar à criança a vergonha de ouvir um dia lhe dizerem que sua mãe fora escrava. – Mas quem impedirá agora que um dia lhe digam que seu pai foi um ladrão?!

CARLOS. – Assim é, E’ esse o castigo de teu erro.

ATHAYDE. – De meu erro?

CARLOS. – Sim: do teu erro. Esse sacrifício que exigiste da desventurada Elvira é simplesmente sobre-humano. Atendeste apenas ao egoístico sentimento de salvar da vergonha o sangue do teu sangue. Aí tens o castigo: não o podes salvar agora da desonra! No fim de contas, obrigando essa infeliz mãe a recalcar no fundo d’alma toda a grandeza do amor que consagra ao fruto de suas entranhas; forçando-a a esconder da filha os tesouros de afetos que encerra o seu coração; ferindo de morte aquela criatura com a angústia d’este martírio que lhe impuseste o que lucraste? Salvar Ersília as garras do preconceito. Evitar que se soubesse que nascera de vente escravo!... Mas a

escravidão se é um crime, o réu não é o escravo e sim o senhor; e a vergonha que resulta d'esse crime não deve sensatamente recair sobre a vítima e sim sobre o algoz. Tu, porém, deixaste-te arrastar pelo estúpido preconceito, e enquanto por um lado procuras lavar da fronte da criança a nódoa criminosa que tu mesmo lhe puseste, porque tinhas escravos, sabendo que possuí-los é crime, a sociedade por outro, gravava-lhe no mesmo lugar, o estigma da vergonha de um... ladrão! E esse é sem duvida muito pior: porque a hereditariedade nas raças é uma verdade que a ciência constata e os filhos são presumíveis herdeiros dos vícios dos seus pais.

ATHAYDE. – Basta de exprobrações! Bem as mereço; mas olha que eu tenho sofrido muito!... Já agora é o teu silencio que eu exijo.

CARLOS. – Serei mudo; mas prefiro não ser testemunha dos sofrimentos d'essa pobre mãe; porque, então, não responderia por mim (ROCHA, 1884, p. 168-169).

Na perspectiva apontada por Henry Giroux, Peter McLaren (1995) e Shirley Steinberg (1997), salienta-se o caráter pedagógico das narrativas teatrais de Arthur Rocha e destacam-se possíveis lições que essas narrativas fizeram circular sobre o ser negro (a) no Rio Grande do Sul. Em primeiro lugar, se observa nas narrativas teatrais de Arthur Rocha, ensinamentos sobre as maneiras de ser e de se comportar socialmente no “mundo dos brancos”, possivelmente, estratégias para apagar uma cultura da escravidão que estigmatizava os sujeitos negros e que os excluía da sociedade da época. É recorrente nas suas narrativas, a defesa do casamento e da família nuclear como “linhas de comportamento” a serem adotados pelos negros (as), pardos (as) e mulatos (as), para a inclusão social na sociedade branca.

Entre as possíveis pedagogias culturais disseminadas pelas peças teatrais de Arthur Rocha, salienta-se também, as chamadas “pedagogias da aparência”, que pretendiam ensinar à comunidade negra que a adoção de uma aparência mais próxima à européia, especialmente no que se refere ao cuidado com o corte de cabelo, o uso de casacas e chapéus e o refinamento de atitudes, facilitaria a inclusão social de negros, pardos e mulatos na sociedade. O próprio Arthur Rocha parecia adotar essa “linha de comportamento”, pois de acordo com o jornalista e dramaturgo Joaquim Alves Torres (1905) e o jornalista e memorialista Achylles Porto Alegre (1922), Arthur Rocha “vestia-se elegantemente”, procurando através do figurino parisiense “dar um ar de fidalguia a sua pessoa”.

Outra estratégia pedagógica recorrente nas peças teatrais de Arthur Rocha é a valorização da instrução, do letramento e do trabalho, como forma de reverter às representações estereotipadas que o darwinismo social fizera circular sobre os negros (as) no final do século XIX, particularmente, sobre sua “incapacidade intelectual” e a propensão natural à “vagabundagem”. Ademais, Arthur Rocha pedagogicamente produziu representações alternativas sobre o que significava ser negro (a) e pardo (a) e, já naquela época, representou personagens pardas e negras, como cultas, elegantes e bem sucedidas. A própria trajetória de Arthur Rocha como dramaturgo negro parece ter contribuído para revelar na fala de suas personagens as tensões que marcaram as relações étnico-raciais na sociedade da época além de apontar possíveis caminhos que eventualmente ampliariam as possibilidades de inclusão social dos negros (as), pardos (as) e mulatos (as) naquele contexto histórico.

### **Considerações Finais**

O estudo das memórias de Arthur Rocha e a análise cultural de suas narrativas teatrais, particularmente, da peça *A Filha da Escrava (1884)*, contribui para demonstrar, que “as memórias negras são o fundamento e a referência básica para a construção das identidades negras e para a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro” (ZUBARAN e SILVA, 2012, p. 20). Ademais, suas narrativas teatrais possibilitam antever, já no final do século XIX, a importância do questionamento dos estereótipos étnico-raciais e da construção de representações positivas sobre o negro, para o combate do racismo no Brasil, na direção apontada pela Lei 10.639. É, nesse sentido, que entendemos que as narrativas teatrais de Arthur Rocha abriram caminhos para as orientações expressas na Lei 10.639 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana. Portanto, entendemos que o teatro de Arthur Rocha parece ter cumprido esse papel pedagógico estratégico de reinventar o ser negro nas muitas vozes que produziu para seus personagens negros(as), pardos(as) e mulatos(as) nas últimas décadas do século XIX, no Rio Grande do Sul.

### **Referências**

ABREU, Martha C. Cultura política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História. In: Bicalho, Maria Fernanda; Gouvea, Maria de Fátima; Soihet, Rachel. (Org.). **Culturas Políticas: Ensaio de História Cultural, História Política e Ensino de História**. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2005, p. 409-432.

ABREU, M. C.; MATTOS, H; DANTAS, C. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. In: Helenice Rocha; Rebeca Gontijo, Marcelo Magalhães. (Org.). **A Escrita da História Escolar**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009, p. 181-198.

BORGES, Pery. **Deus e a Natureza e seu Autor: notas recolhidas sobre o autor-dramático gaúcho ARTHUR ROCHA**. Rio de Janeiro: s/Ed., 1961.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na Literatura Brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Das Cores do Silêncio: significados da liberdade no sudeste escravista-século XIX**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Arquivo Nacional, 1995.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GIROUX, Henry A. e McLAREN, Peter I. *Por uma Pedagogia Crítica da Representação*. In: SILVA, Tomáz Tadeu da. **Territórios Contestados: o Currículo e os Novos Mapas Políticos e Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GRAHAM, Richard. Free African Brazilians and The State in Slavery Times. In: HANCHARD, Michael (ed.) **Racial Politics in Contemporary Brazil**. Duke University Press, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Intelectuais Negros e Formas de Integração Nacional. **Estudos Avançados**, 18(50), 2003, p. 271-284.

HABERLY, David. **Tree Sad Races: racial identity and national consciousness in Brazilian Literature**. Cambridge, 1983.

HALL, Stuart. Race, culture, and communications: looking backward and forward at cultural studies. In STOREY, J. (ed.). **What is Cultural Studies?** London, Arnold, 1996, p. 336-343.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL (Org.) **Representation, Cultural Representation and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/ Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 103-133.

HESSEL, Lothar (Org.). **O Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Edições FLAMA, 1976.

HESEL, Lothar e RAEDERS, George. **O Teatro no Brasil sob D. Pedro II.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1986.

MARTINS, Ari. O Teatro. In: HESSEL, Lothar, **O Partenon Literário e sua obra.** Porto Alegre: FLAMA, Instituto Estadual do Livro, 1976.

PORTO ALEGRE, Achylles. **Noutros Tempos.** Porto Alegre: Globo, 1922.

ROCHA, Arthur Rodrigues da. **O Teatro de Arthur Rocha.** Porto Alegre: Oficinas do Jornal A Federação, 1876.

ROCHA, Arthur Rodrigues da. **O Teatro de Arthur Rocha.** Porto Alegre: O teatro de Arthur Rocha. Porto Alegre: Tipografia Deutsche Zeitung, 1879.

ROCHA, Arthur Rodrigues da. **O Teatro de Arthur Rocha.** Porto Alegre: Oficinas do Jornal do Comércio, 1884.

SANTOS, Gisele Aparecida dos. **A Invenção do Ser Negro.** São Paulo: EDUC/FAPESP: Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

SOEIRO, Julio. *Arthur Rodrigues da Rocha.* In: **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul.** Editores Carlos Pinto & Comp. & Sucessores, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande. 1890, pp. 108-110.

SPITZER, Leo. Assimilação, Marginalidade: Os dois mundos de André Rebouças, Cornelius May e Stephan Zweig. **Estudos Afro-Asiáticos.** Vol. 3, Rio de Janeiro, CEAA, 1980, p. 35-61.

SPITZER, Leo. **Vidas de Entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

STEINBERG, Shirley. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações.* In: SILVA, Luiz H.; AZEVEDO, José C.; SANTOS, Edmilson S. (Org.). **Identidade social e a Construção do Conhecimento.** Porto Alegre: Ed. SMED, 1997.

TEIXEIRA, Múcio. **Os Gaúchos.** Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1921.

TILL, Rodrigues. **Três Vultos Marcados: Lobo da Costa, Arthur Rodrigues da Rocha, Fontoura Xavier.** Ed. Flama. Porto Alegre, 1970.

TORRES, Joaquim Alves. Arthur Rocha. **Almanaque Popular Brasileiro,** 1905.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 7-72.

ZUBARAN, Maria Angélica. O Eurocentrismo do Testemunho: relatos de viagem no Rio Grande do sul do século XIX. **Revista Anos 90,** Porto Alegre, nº 12, 1999.

ZUBARAN, Maria Angélica e Petronilha Beatriz Gonçalves Silva. Interloquções sobre Estudos Afro-Brasileiros e Pertencimento Étnico-Racial: memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. **Currículo sem Fronteiras**. V. 12, n.1, pp. 130-140, Jan/Abril 2012.

**RECEBIDO EM 12 DE MAIO DE 2013.**

**APROVADO EM 10 DE OUTUBRO DE 2013.**